

# A revista *Caros Amigos*: algumas considerações sobre a sua formação

**Rodolfo Fiorucci**

Mestrando pela Unesp/Assis – Departamento de História.

## Resumo

Este trabalho pretende, em linhas gerais, traçar as origens da revista *Caros Amigos*, periódico de cunho alternativo, lançado em abril de 1997. Por se tratar de um meio de comunicação que destoa da via corrente da imprensa brasileira e que se propõe a discutir questões sociais relativas à desigualdade, parece interessante entender suas raízes e quem fez parte de sua elaboração.

**Palavras-chave:** imprensa alternativa, revista *Caros Amigos*, cultura política.

## Abstract

This paper intends to show the origin of *Caros Amigos*, magazine published in april of 1997. Due to the fact that this magazine to be an alternative media and to treat of social matters in a neoliberal context, seems interesting to understand its beginning and who was in its elaboration.

**Keywords:** alternative press, *Caros Amigos* magazine, political culture.

Dentro das novas preocupações historiográficas, esse trabalho visa a estabelecer um primeiro retrato do grupo de intelectuais que fez e faz parte da revista *Caros Amigos*, ou seja, entender as redes de sociabilidade e as relações individuais que permitiram o agrupamento desses jornalistas em torno de um projeto alternativo de imprensa, configurado no periódico em questão. De acordo com a assertiva de Sirinelli, “uma revista é, antes de tudo, um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão” (SIRINELLI, 1996, p. 249). É nesta perspectiva, pois, que se pretende abordar o grupo formador do mensário, o que pode facilitar a compreensão dos motivos e volições que possibilitaram a esses intelectuais se engajar numa determinada direção política.

Há de se destacar, também, que um dos conceitos utilizados neste texto é o de geração, pois este se traduz numa unidade de tempo operatória, isto é, um esteio que facilita a abordagem que se pretende dentro de um tempo estabelecido. Trata-se de um conceito que, por muito, foi evitado pelos historiadores, devido ao risco de se cair na banalidade e na generalidade do propósito. Contudo, se bem empregado na análise, pode facilitar o entendimento da questão proposta. Isto porque a geração é um reflexo da inserção do homem na profundidade histórica, ou seja, é um *produto da natureza*, e não da *cultura*, como a década e o século (SIRINELLI, 2000, p. 131-139).

Entretanto, cabe esclarecer que:

(...) a geração é aparentemente um fato natural, mas também um fato cultural, por um lado modelado pelo acontecimento e, por outro, derivado, às vezes, da auto-representação e da autoproclamação: o sentimento de pertencer – ou ter pertencido – a uma faixa etária com forte identidade diferencial (*Idem*, p. 133).

De acordo com a historiografia atual, portanto, a geração, antes de ser marginalizada e esquecida pelo historiador, deve ser encarada como objeto de pesquisa e instrumento de análise, exatamente como se empregará neste trabalho. Por se tratar de uma “engrenagem do tempo”, é importante relativizar a sua aplicação e ter ciência de que sua importância pode variar conforme os setores estudados e os períodos abordados (*Idem*, p. 137).

Posto isso, agora é possível iniciar a análise do grupo idealizador de *Caros Amigos*, minimamente embasado e delimitado do ponto de vista metodológico. Primeiramente, uma referência ao contexto é basilar, já que o Brasil e o mundo passavam por transformações políticas, econômicas e culturais relevantes. No limiar dos anos 90, viu-se a sombra do comunismo se apagar e os ideais neoliberais expandirem-se amplamente, o que fez com que a economia de mercado se estabelecesse como prática moderna e que a idéia de Estado mínimo ganhasse destaque. Aqui, essas doutrinas foram levadas a cabo pelos presidentes Fernando Collor de Mello, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso (FHC), que buscaram inserir o Brasil na tendência internacional, o que culminou, a partir de 1997, na onda de privatizações empregadas por Fernando Henrique Cardoso. Este ocupou o cargo de presidente da República durante dois mandatos, sendo o segundo alcançado, em grande medida, devido ao Plano Real e à contenção da inflação. Porém, a política econômica que manteve o real parelho ao dólar, entre 1994 e 1997, desembocou numa crise generalizada, que elevou o desemprego a níveis históricos e causou um descompasso entre o mercado interno e o externo, o que levou ao déficit da balança comercial (ver SINGER, 1999).

A fuga de dólares ocorrida em 1998 deixou a equipe governamental apreensiva, e a solução encontrada para restabelecer as reservas da moeda estrangeira foi a privatização de empresas estatais, como a Vale do Rio Doce, as partes sadias dos bancos, a rede de telefonia etc.<sup>1</sup> Com a desestabilização da economia interna, os juros voltaram a subir, chegando a 45% em novembro de 1997, o que deu vazão a uma dívida pública interna de 320 bilhões de reais (75% do PIB) no final de 1998. Diante do quadro, o Brasil se resignou, segundo Wilson Cano, ao acordo mais humilhante até hoje firmado com o Fundo Monetário Internacional – FMI, que exigia menos gastos sociais e a desestatização das empresas públicas (2000, p. 240-241).

A grande imprensa nacional que entrara há pouco no período democrático e tinha plena liberdade de expressão, preferiu não se manifestar contra essa política neoliberal, o que não é de estranhar já que o setor era (é) dominado por grandes empresas capitalistas. Por

<sup>1</sup> A Cia. Vale do Rio Doce, por exemplo, que é a segunda maior mineradora do mundo, foi vendida por US\$ 2,6 bilhões, quando especialistas estimavam valores, no mínimo, quatro vezes maiores.

exemplo, tanto na campanha como no mandato, Fernando Henrique Cardoso teve maciço apoio da mídia, na qual predominou o aplauso e a omissão, sendo a crítica prática rara (*Idem*, p. 230-231). Na verdade, essa grande imprensa já tinha em seus ombros o peso de ter apoiado o golpe de Estado que iniciou a ditadura militar – e diga-se de passagem, essas empresas jornalísticas receberam grande incentivo financeiro do governo autoritário nos anos de chumbo – não sendo surpresa o posicionamento que tomou nos anos 1990, pois sempre defendeu valores liberais.

Foi exatamente nesse período, em abril de 1997, que a revista *Caros Amigos* foi lançada. Tinha o objetivo de criticar o neoliberalismo, abrir espaço para as questões sociais, elaborar textos com maior profundidade analítica e destoar da grande imprensa nacional. No seu primeiro número, apareceram os nomes de Mylton Severiano, Luis Fernando Veríssimo, Frei Betto, Ignácio de Loyola Brandão, Plínio Marcos, José Hamilton Ribeiro, Roberto Freire, Júlio Medaglia, Mário Prata, Emiliano José, Paulo Freire, Ricardo Kotscho, Diogo Pacheco, Matthew Shirts, Jaguar. O grupo era capitaneado por um dos idealizadores e até hoje editor do periódico, Sergio de Souza.

Ora, ao atentar para os nomes desses intelectuais que compuseram o primeiro quadro de jornalistas da revista, percebe-se que grande parte deles fez parte da imprensa alternativa dos anos 60-70, o que já justifica o uso do supracitado conceito de geração. Na verdade, comungam de um mesmo ideário político, defendendo posições de cunho socialista, além de terem atuado num mesmo período conturbado, qual seja, os anos de chumbo do regime autoritário que se iniciou em 1964, no qual o pensamento crítico foi censurado e a liberdade de expressão limitada. Trata-se de um grupo que foi ativo e que se indispôs com o autoritarismo de Estado daqueles anos, o que leva a crer que compartilharam (compartilham) da mesma cultura política, que na linha de pensamento de Bernstein e Sirinelli, seria “uma espécie de código e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição política” (SIRINELLI, citado em BERNSTEIN, 1998, p. 350).

Por constatar que esses jornalistas tiveram uma cultura política determinada, centralizada no seio do grupo, é importante esclarecer que a idéia de geração restringe-se aqui, ao séquito de homens de imprensa

que foram opositores à ditadura e que fundaram periódicos alternativos com o intuito de criar um desarranjo na inércia informativa que dominava a imprensa nacional. Como bem colocou Beatriz Kushnir, não foram todos os jornalistas que lutaram contra a censura e a violência empregada pelo Estado, pelo contrário, muitos deles amainaram a situação e se colocaram ao lado dos militares. A prática da autocensura foi comum nos anos do regime autoritário, o que levou muitos jornalistas que não atendiam às reivindicações do governo e dos donos das empresas midiáticas, à demissão (ver KUSHNIR, 2004). No rol elencado acima, dos intelectuais que estiveram na capa da edição primeira de *Caros Amigos*, a história, de maneira geral, foi esta. Por assumirem uma posição de esquerda e de crítica ao regime, foram marginalizados da grande imprensa, o que possibilitou a onda de periódicos alternativos que apareceram a partir de então.

Tem-se, portanto, a geração de jornalistas que fez parte da imprensa crítica dos anos 60 e 70, da qual saiu o grupo inicial da revista *Caros Amigos*. Deste conjunto destaca-se, por exemplo, Sergio de Souza, que trabalhou na revista *Realidade*<sup>2</sup> (ícone do jornalismo brasileiro), *Ex*, *Grilo* e *Canja*. Também Carlos Castelo Branco (*Pasquim*), Claudius, que foi o primeiro humorista preso por conta de uma charge publicada na *Pif-Paf* nº 4, Jaguar (quase todos periódicos de humor), José Hamilton Ribeiro, que perdeu uma perna quando cobria a guerra do Vietnã (*Realidade*), Mylton Severiano (*Realidade*, *Ex*, *Bondinho* e *O Jornal*), Roberto Freire (*Brasil Urgente*, *Realidade* e *Bondinho*), Ignácio de Loyola (*Realidade* e *Última Hora*), entre outros. Contou ainda com intelectuais como Frei Betto, defensor da Teologia da Libertação e colaborador da ALN – Ação Libertadora Nacional durante o regime militar, que participou ao lado de Luiz Inácio Lula da Silva das manifestações de greve nos anos 80 e escreveu na *Folha da Tarde* e em *Realidade*; Plínio Marcos, um dos maiores dramaturgos brasileiros, que escreveu as peças *Dois perdidos numa noite suja* (1966) e *Navalha na Carne* (1967) e Léo Gilson Ribeiro, que já ganhou o título de

<sup>2</sup> Para uma visão mais ampla deste periódico, considerado um dos mais destacados da imprensa brasileira contemporânea, pela sua qualidade e pela profundidade das matérias, ver a tese de doutorado que mais tarde tornou-se livro: FARO, José Salvador. *Revista Realidade (1966-1968): tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas: Ed. Ulbra/AGE, 1999.

maior crítico literário do Brasil. Aí, não estão listados todos os nomes, no entanto, já é possível vislumbrar a dimensão que pretendia, essa revista, ter na imprensa brasileira atual.

É interessante notar, também, que todos já fizeram parte da grande imprensa e trabalharam em meios de comunicação de peso da mídia brasileira, ganhando salários exorbitantes. Pelo menos em um dos grandes veículos de comunicação nacional – *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, Editora Abril ou Rede Globo – esses jornalistas já estiveram. A título de exemplo, tome-se o editor de *Caros Amigos*, Sergio de Souza, que já passou pelas revistas da Abril, *Quatro Rodas*, *Realidade* e, mais recentemente, a revista *Globo Rural*. Outro jornalista, Mylton Severiano, em entrevista, afirmou que quando foi convidado por Paulo Patarra para trabalhar na revista *Quatro Rodas*, passou a ganhar cinco vezes mais do que recebia na *Folha de S. Paulo*, o que equivalia ao preço de um carro zero por mês.<sup>3</sup> Trata-se, pois, de um grupo de jornalistas que já passou por experiências diversificadas na imprensa nacional e que, por comungarem de um mesmo referencial ideológico, enviesaram para uma espécie de jornalismo alternativo, que caminha na contramão da grande imprensa.

Mais do que inseridos numa mesma geração e compartilharem de uma determinada cultura política, percebe-se que estes homens de imprensa, desde os tempos negros da ditadura, criaram laços afetivos e de amizade, pois enfrentaram, unidos, a repressão do governo. Mylton Severiano conta que, quando passava por situação difícil em Marília (interior do Estado de São Paulo), Mino Carta e Paulo Patarra o convidaram a ir para a *Quatro Rodas*, o que aceitou não sem prejuízos, já que foi obrigado a largar a faculdade de Direito que cursava. Relata também o caso no qual Patarra foi “promovido” a editor-especial de *Realidade*, o que equivale dizer que, a partir dali, estaria desligado da revista (outubro de 1968). Naquela mesma tarde, 14 dos integrantes do periódico anunciaram seu desligamento, o que demonstrou o espírito de equipe e a resistência à pressão militar.<sup>4</sup> Contudo, o que importa destacar, nesse caso, é a

relação de amizade que continuaria por muito tempo. Não à toa, estes jornalistas que compunham a redação de *Quatro Rodas* (QR) também trabalharam juntos em *Realidade*, participaram da imprensa alternativa e, mais tarde, com o fim do governo autoritário, buscaram fazer parte de órgãos de imprensa diferenciados. Isto não quer dizer que os periódicos que traçaram uma forma diferente de fazer jornalismo, nos anos 90, sejam como os alternativos das décadas de 1960-1970. Estes, muitas vezes, eram feitos clandestinamente, sem apoio financeiro nem publicidade, e sob grande pressão, fato que não se repete no cenário atual, que é marcado pela liberdade de expressão e por um regime democrático de governo.

O próprio Mino Carta, depois do fim da ditadura, encabeçou a revista *Carta Capital*, lançada em 1994, que é uma revista dentro do mercado e que disputa leitores com outros periódicos, ou seja, é capitalizada. O mesmo se repete no caso de *Caros Amigos*. Em entrevista ao *site Carta Maior*, Sergio de Souza ficou reticente em afirmar que o mensário é um veículo de informação alternativo, e prefere encará-lo como institucional. Em suas palavras, *Caros Amigos*:

(...) pertence a uma editora registrada na Junta Comercial; ela tem seu título, *Caros Amigos*, registrado no INPI – Instituto Nacional de Propriedade Industrial; ela é membro da Aner – Associação Nacional dos Editores de Revistas; ela tem periodicidade e chega às bancas do País inteiro, por intermédio da Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações, do Grupo Abril, tida como a maior distribuidora de revistas do Brasil, sendo que isso ocorre religiosamente há dez anos; ela tem uma tabela de preços do espaço publicitário a ser comercializado em suas páginas; ela é produzida por profissionais, tanto na área editorial quanto na comercial e administrativa, na sede que tem endereço físico, paga aluguel, contas de luz, água e telefone; ela mantém um *site* na Internet; ela já foi premiada por várias entidades de reconhecida expressão no cenário nacional, assim como o *site*; ela consome toneladas de papel e de tinta gráfica mensalmente; ela circula nos meios que pensam o País, como a universidade, os colégios (corpos docente e discente), as câmaras municipais e assembleias legislativas, os executivos municipais e estaduais,

<sup>3</sup> Entrevista realizada por Luiz Maklouf Carvalho, em 2001. Disponível em <http://prof.reporter.sites.uol.com.br/myltainho.html>. Acesso em 6 de junho de 2007.

<sup>4</sup> *Idem*.

o Judiciário, o Congresso Nacional e o Palácio do Planalto.<sup>5</sup>

Sem a mesma precaução que teve com o conceito de alternativo, Sergio de Souza asseverou que capitaneia um periódico politicamente de *esquerda* e que anuncia o mensário desta forma nas poucas propagandas que consegue pôr na mídia – entre eles, a *MTV*, a rádio Eldorado e uma ou outra revista.<sup>6</sup> Na verdade, tanto a *Caros Amigos* como a *Carta Capital* podem não ser alternativas, a exemplo dos periódicos dos anos de chumbo, se comparadas ao sistema por meio do qual são inseridas no mercado, como bem anotou o editor da primeira, porém, se analisadas em seus conteúdos, e se entender-se *alternativo* como sinônimo de diferente, de opção a mais, fora do padrão, pode-se assegurar que essas duas revistas, assim como outras mais recentes, possuem o caráter de alternativas, exatamente pela proposta que defendem e pelo tipo de jornalismo que desenvolvem.<sup>7</sup>

Este estilo de imprensa, pelo que parece, é herança do jornalismo que se tornou ícone no Brasil, que foi feito por esses mesmos homens que ainda hoje arriscam a tessitura de textos mais densos, analíticos e críticos, abrindo mão das informações rápidas e descontextualizadas. Numa comparação rápida, é possível constatar que, da equipe de redação que passou pelas revistas *Quatro Rodas* e *Realidade*, encontravam-se, no primeiro número de *Caros Amigos*, Sergio de Souza, Mylton Severiano, Walter Firmo, Zé Hamilton Ribeiro e Frei Betto, o que confirma um ideal em comum que convergiu para a formação de *Caros Amigos*. Mais que para a *Quatro Rodas*, o saudosismo se voltou para a *Realidade*. Aí, tudo funcionava como os jornalistas queriam: tinham liberdade e realizavam um produto final de qualidade. Nas palavras de Maria Celeste Mira, a revista era “valorizada pelos intelectuais pela profundi-

dade de suas matérias, era o paraíso dos jornalistas, que não tinham hora para chegar nem manual de redação. Boa demais para durar” (2003, p. 69).

A revista *Realidade* rompeu com os padrões estéticos do realismo e do objetivismo, pois buscava influir ativamente no seu tempo e trazer a democracia em uma época de repressão militar. Abordava assuntos que estre-meciam a ordem estabelecida, como passeatas de estudantes, imagens do “Che” Guevara, Guerra Fria, Cinema Novo, festivais de MPB e Martin Luther King, entre outros (PEREIRA FILHO, 2002, p. 40-42). O próprio Paulo Patarra assegurou que “nós éramos tudo o que incomodava: divorcistas, socialistas e um bando de jornalistas” (MIRA, *op. cit.*, p. 69). Trata-se de uma trilha que a revista *Caros Amigos* seguiu, como reconhece, embora não sem receio, Sergio de Souza, ao dizer que talvez haja alguma influência subjetiva dessa imprensa de resistência:

(...) quando procura despertar a discussão, abordando a realidade com olhar principalmente crítico; quando elege temas de interesse das maiorias; quando trata de ouvir pessoas que contribuem para o crescimento do leitor; quando expõe a violação dos direitos humanos; quando se espanta com uma política de privilégios e com um grau de injustiça social aberrante. Enfim, quando prossegue na velha busca que deu origem à profissão.<sup>8</sup>

Desenham-se, portanto, as raízes de *Caros Amigos*. Supõe-se que a equipe que colaborou com o periódico, a partir de abril de 1997, seja composta por “jornalistas românticos”, idealistas, resquício de uma imprensa engajada, crítica e opinativa, que teve papel de destaque na história do Brasil contemporâneo. Diante do quadro que se desenhava com a abertura democrática, na qual a imprensa de fato assumia o papel de empresa disputando mercado para a venda de seus produtos – a notícia<sup>9</sup> –, esse grupo de jornalistas

<sup>5</sup> Entrevista realizada por Verena Glass, por ocasião da comemoração de dez anos de existência da revista *Caros Amigos* no mercado editorial. Disponível em: [http://www.agenciacartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=13925](http://www.agenciacartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=13925). Acesso em 2 de junho de 2007.

<sup>6</sup> *Idem*.

<sup>7</sup> Em outubro de 1999, surgiu a revista *Reportagem*, publicação mensal que também tem por objetivo desenvolver um jornalismo crítico e antineoliberal. Editada pela equipe do site *Oficina de Informações* ([www.oficinainforma.com.br](http://www.oficinainforma.com.br)), tem como presidente Roberto Davis e, à frente do projeto, o jornalista Raimundo Pereira. Outros da mesma linha alternativa são as publicações *Carta Maior*, *Fórum* e a recém-lançada *Piauí*.

<sup>8</sup> Em entrevista. Ver PEREIRA FILHO, José Francisco Bicudo. *Op. cit.*, p. 21-22.

<sup>9</sup> Nas palavras de Marcondes Filho, informação não é notícia, não é produto. Disse ele: “Uma informação pura e simples não é mercadoria. Para tanto, é preciso que ela seja transformada em notícia. Um acidente só vira notícia se nele estiver envolvido alguém, que o jornal pretende destacar, conforme suas intenções, positiva ou negativamente. O jornal, então, cria, a partir da matéria-prima *informação*, a mercadoria *notícia*, expondo-a à venda (por meio da manchete) de forma atraente. Sem esses artifícios, a mercadoria não vende, seu valor de troca não se realiza”. Ver MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia*. São Paulo: Ática, 1986, p. 25.

buscou resgatar uma outra espécie de jornalismo, que se assemelhava ao francês do início do século XX, ou ao *new journalism* americano.<sup>10</sup> Entretanto, fique claro, que outros veículos de comunicação também seguiram essa tendência, não sendo exclusividade da *Caros Amigos* (ver nota 15).

Ora, com a grande imprensa defendendo os preceitos neoliberais de economia de mercado, de Estado mínimo, de progresso e modernização, couberam a um pequeno grupo as discussões iniciais sobre como eles divergiriam da inércia midiática e como seria este novo periódico. Aliás, a questão de quem fez parte das primeiras reuniões para a definição do projeto de *Caros Amigos* foi tema de discussões e ataques entre seus participantes. Alberto Dines, em recente texto, acusou Sergio de Souza de ter escondido informações acerca de quem participou da formação da revista antes de seu lançamento, afirmando que o editor de *Caros Amigos* só agora, na comemoração dos dez anos do periódico, deu os créditos para o verdadeiro dono do título que dá nome ao mensário – que é o próprio Dines (2007). Contudo, na edição nº 13, em abril de 1998, o editorial esclarecia que Alberto Dines participara das primeiras conversas, mas que desistiu quando sua proposta não foi aceita, cedendo o título “Caros Amigos” para os membros remanescentes (ver *Caros Amigos*, nº 13, abril de 1998 – editorial).

Essa é uma rusga que dura até hoje, e parece que Dines realmente ficou chateado com o grupo que lançou a revista, já que, sempre que possível, critica a equipe de *Caros Amigos* em seus comentários. Segundo Sergio de Souza, quem participou das primeiras reuniões foram João Noro, Roberto Freire, Jorge Brolio, Francisco Vasconcelos, José Carlos Marão, Alberto Dines, Hélio de Almeida, Mathew Shirts e ele.<sup>11</sup> Na lista de Dines, surgiu um novo nome, Juca Kfourri (entrevistado da edição nº 1), e Roberto Freire e Jorge Brolio nela não apareceram (DINES, *op. cit.*). Contudo, é ponto pacífico que, depois do lançamento da revista, em abril de 1997, continuaram apenas Sergio de Souza, João Noro, Roberto Freire, Jorge Brolio, Francisco Vasconcelos e Mathew Shirts.

A “cara” da nova revista a ser lançada não se definia. Havia várias propostas e idéias, dentre as quais a de uma revista “futurista”, que tratasse de um mundo novo oferecido pelo avanço galopante da tecnologia, ou uma revista paraliterária. Alberto Dines aludia a um jornal, cujos artigos deveriam ter a forma de cartas, escritas por grandes nomes, opção não-adotada no final. Passadas algumas reuniões, decidiu-se pela sugestão de Sergio de Souza, qual seja, a de criar uma publicação mensal, de autor, e que trouxesse reportagens, artigos, colunas, seções, humor, fotografia e uma grande entrevista, que batizou de “explosiva”, para brincar com a clássica “exclusiva”. Todos os artigos seriam assinados, não se admitindo pseudônimos.

A escolha do tema era livre, sendo as reuniões de pauta apenas para decidir o entrevistado do mês e as poucas reportagens. Esse foi o formato que apareceu nas bancas, em abril de 1997, e que permanece até hoje, com textos mais literários e de profundidade, postura política de esquerda e domínio do preto e branco. Enfim, era uma revista de “fôlego” e de leitura, na qual não apareciam lides, quadros explicativos ou fotos ilustrativas. Devido a essas características, dependeu muito da colaboração e do engajamento dos seus colaboradores, pois era voltada para um público mais exigente e, portanto, menos numeroso. Por exemplo, os articulistas de *Caros Amigos* não eram (são) remunerados, já que era um projeto que não contava com muitos recursos e, em função do viés às vezes radical dos textos, perdeu a publicidade de muitas empresas.

Os textos, mais que jornalísticos, tinham um cunho sociológico, antineoliberal e analítico. O mensário não se prestou a ser um veículo de informações, mas sim de discussões sobre temas que incomodassem o cenário político, social, cultural ou econômico. O caráter de esquerda – e muitas vezes de idéias socialistas – fica por conta do vocabulário recorrente nos textos veiculados pela revista, como os termos “luta de classes”, “capitalismo”, “excluídos”, “Marx” etc. Ou seja, de acordo com os ideais que os jornalistas defendiam desde os anos 60.

Por essas características peculiares encontradas nos escritos de *Caros Amigos*, pode-se afirmar que, dentro da perspectiva de intelectual elaborado por Sirinelli, os membros da revista encaixam-se na categoria mais restrita desse campo, baseada na noção de engajamento, já que participam ativamente dos debates que envolvem,

<sup>10</sup> O *new journalism* era a mistura do objetivismo norte-americano e a literariedade da imprensa francesa. O exemplo maior desse estilo no Brasil consubstanciou-se na revista *Realidade*, da Editora Abril. Ver VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine*: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

<sup>11</sup> Em entrevista a Verena Glass para a Carta Maior. Entrevista citada.

principalmente, as questões da desigualdade social em todas as suas implicações (ver SIRINELLI, 1996). Isso se justifica porque o mensário toma uma posição e a defende, o que configura uma participação permanente nos problemas nacionais. É fato, porém, que, muitas vezes, tece considerações radicais e equivocadas para defender suas proposições de esquerda, e cai na mesma prática que critica na grande imprensa, ao defender os valores neoliberais – um alvo recorrente é a revista *Veja*, da Abril –, o que indica um outro viés de pesquisa que pode ser tomado, qual seja, a análise do discurso dos colaboradores.

Problemas e virtudes à parte, o fato é que *Caros Amigos* é uma revista alternativa, que destoa da imprensa grande e faz um tipo de jornalismo diferenciado, que lembra o posicionamento crítico dos alternativos dos anos 60-70. É uma contribuição para a discussão pública dos problemas nacionais e traz idéias diferenciadas e esquerdistas para contrastar com as chamadas de direita e conservadoras, o que fomenta o debate intelectual, independentemente dos julgamen-

tos de méritos. Vê-se, pois, que o tema é rico e exige muito trabalho. Aqui, procurou-se estabelecer uma primeira visão acerca do grupo formador do periódico e as volições que levaram ao tipo de publicação em que se configurou *Caros Amigos*. Outros assuntos não menos interessantes foram deixados de lado, como os relacionados às questões financeiras da editora que mantém o mensário, o caso da escassez de propagandas e de publicidade em suas páginas, a árdua e polêmica relação com o Partido dos Trabalhadores (PT), uma análise mais detalhada das principais seções da revista, os novos jornalistas que ingressaram na equipe etc. Devido à delimitação da proposta, tais assuntos foram esquecidos para que fosse possível compreender melhor qual foi a história da formação de *Caros Amigos*, bem como a de seus principais idealizadores. Nesse sentido, buscou-se fazer um breve esboço de suas trajetórias profissionais e suas concepções políticas, para entender o porquê de compartilharem de determinada cultura política e engajarem-se num projeto que, aparentemente, seria muito arriscado.

## Referências

BERNSTEIN, Serge. “A cultura política”. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

CANO, Wilson. *Soberania e política econômica na América Latina*. São Paulo: Unesp, 2000.

DINES, Alberto. “*Caros Amigos*: nova história oficial a cada década”. *Observatório da imprensa*, ano 12, n. 432, 8 de maio de 2007.

FARO, José Salvador. *Revista Realidade (1966-1968): tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas: Ed. Ulbra/AGE, 1999.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia*. São Paulo: Ática, 1986.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a fragmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d’Água / Fapesp, 2003.

PEREIRA FILHO, José Francisco Bicudo. “*Caros Amigos*” (1997-2001) e o resgate da imprensa alternativa no Brasil – um outro jornalismo é possível. Dissertação de Mestrado, ECA-USP. São Paulo: USP, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. “A geração”. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 131-139.

\_\_\_\_\_. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ / Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SINGER, Paul. *O Brasil na crise: perigos e oportunidades*. São Paulo: Contexto, 1999.

VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.

## Referências

### Entrevistas

Entrevista de Mylton Severiano a Luiz Maklouf Carvalho, em 2001. Disponível em <http://prof.reporter.sites.uol.com.br/myltainho.html>. Acesso em 6 de junho de 2007.

Entrevista de Sergio de Souza a Verena Glass, por ocasião da comemoração de dez anos de existência da revista *Caros Amigos* no mercado editorial. Disponível em: [http://www.agenciartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=13925](http://www.agenciartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=13925) Acesso em 2 de junho de 2007.